

ALGUNS ASPECTOS FONOLÓGICOS E MORFOSSINTÁTICOS DO GAÉLICO ESCOCÊS

João Bittencourt de Oliveira (UERJ/CiFEFiL)
joao.bittencourt@bol.com.br

RESUMO

O gaélico escocês (*Gàidhlig*) é um idioma falado por cerca de 60.000 pessoas (menos de 2%) na Escócia (*Alba*), principalmente nas regiões remotas e montanhosas e nas Hébridas Exteriores ou Ilhas Ocidentais (*Na h-Eileanan an Iar*), mas também em Glasgow (*Glaschu*), Edinburgo (*Dùn Eideann*) e Inverness (*Inbhir Nis*). Juntamente com o irlandês (*Gaeilge*), o bretão (*Brezhoneg*), o cornoico (*Kernewek*), o manx (*Gaelg*), e o galês (*Cymraeg*), o gaélico escocês é uma língua céltica que se desenvolveu do irlandês médio, entre os séculos X e XII, sendo, pois, contemporânea do inglês antigo tardio e do inglês médio inicial. Fora da Escócia, existem também pequenas comunidades de falantes do gaélico escocês no Canadá, particularmente na província de Nova Escócia (*Alba Nuadh*) e em Cape Breton Island (*Eilean Cheap Breatainn*). Outros falantes podem ser encontrados na Austrália (*Astràilia*), Nova Zelândia (*Sealainn Nuadh*) e Estados Unidos (*Na Stàitean Aonaichte*). Desse modo, dando continuidade ao estudo das línguas célticas, este trabalho se propõe a discutir o status atual do gaélico escocês como uma língua minoritária na Grã-Bretanha, demonstrar e analisar seus aspectos fonológicos e morfo-sintáticos, visando, sobretudo, a despertar o interesse, na comunidade acadêmica e nos estudantes de letras, por estes fascinantes estudos.

Palavras-chave: Gaélico Escocês; Línguas Célticas; Filologia

1. Considerações históricas

O gaélico escocês é uma língua céltica ainda falada principalmente nas regiões remotas e montanhosas e nas Ilhas Ocidentais da Escócia. Essa língua foi introduzida na Escócia por colonizadores irlandeses provavelmente entre os séculos III e V d. C. Os irlandeses foram primeiramente conhecidos do mundo romano como *Hiberni*¹⁶, mas no século IV d. C. um novo nome, *Scotti* ou *Scoti*, se torna proeminente. Em meados do século V os *Scoti* de Ulster Dalriada invadiram Argyll, estabelecendo

¹⁶ *Hiberni*: povos que habitavam a *Hibernia*, atual Irlanda, (do latim clássico *Hibernia*, literalmente "terra do inverno"). O nome *Hibernia* foi tomado dos relatos geográficos gregos. Durante a exploração do noroeste da Europa (c. 320 a.C.), o geógrafo grego Pytheas denominou a ilha *Ἰέρνη* "Ierne"; já Ptolomeu, em sua *Geographia*, a denominou *Ἰουερνία* "Iouernia". É bem provável que os Romanos tivessem percebido alguma conexão entre esses nomes históricos e a palavra latina *hibernus* "de inverno, invernal, invernos". Seja como for, o historiador romano Tácito, em seu livro *Agricola* (c. 98 AD), usa o nome *Hibernia*.

ali um reinado.¹⁷

Por volta do ano 843, Scone tornou-se sua capital e o gaélico deve ter se expandido rapidamente a expensas das línguas pictas.¹⁸ Por outro lado, o gaélico perdeu alguns de seus ganhos nas Ilhas Ocidentais como consequência da imigração nórdica a partir do ano 800. No continente, também, o gaélico proveniente do sul, por fim, veio a enfrentar os Nórdicos que haviam se estabelecido no extremo norte; porém o gaélico provou ser o mais forte com o correr do tempo. Reconquistou as Hébridas e assimilou quase todo o nórdico no continente, exceto no extremo noroeste de Caithness (gaélico escocês: *Gallaibh*). Não se pode precisar exatamente uma data, mas a substituição do nórdico se deu provavelmente durante o século XII, isto é, ainda antes de os noruegueses abandonarem sua suserania sobre as Ilhas Ocidentais pelo Tratado de Perth¹⁹ em 1266 (LOCKWOOD, 1975, p. 117).

Ao sul da linha de Forth-Clyde havia dois reinos independentes. A metade ocidental era ocupada por Strathclyde (*Srath Chluaidh* em gaélico, significando "vale do rio Clyde") falante do britânico (língua céltica); a metade oriental era falante do inglês e formava parte da Northumbria. Nesse ponto, o avanço do gaélico fez uma pequena pausa. A região independente de Strathclyde, entretanto, mal sobreviveu até o século XI e em 1066, o antigo reino de Lothian, então parte de Northumbria entre o rio Forth e as montanhas Cheviots, foi também anexado pelos escoceses. A

¹⁷ Campbell (2001, p. 285-92) questiona o consenso acadêmico que considera os migrantes do Condado de Antrim (irlandês: *Aontroim* "cordilheira solitária") estabelecendo uma colônia irlandesa ao noroeste da Grã-Bretanha por volta do ano 500 d. C. A hipótese migratória tem sido aceita há muito tempo como a visão correta das origens escocesas, pois, em parte, ela explica por que os habitantes de Argyll falavam o gaélico – a língua da Irlanda – numa época em que todos os demais falavam uma língua britânica: o cúmbrio nas Lowlands (região da Baixa Escócia) e o picto nas Highlands (região da Alta Escócia). A migração da Irlanda foi também mencionada por Beda, em 731, quando se referiu às origens de Dál Riada – reino da tribo dos escotos existente no norte da Irlanda e na costa oeste da Escócia desde o fim do século V até meados do século IX.

¹⁸ *Linguae pictae*: conjunto de línguas extintas que supostamente faladas pelos Pictos, um povo que habitou o norte e a região central da Escócia no início da Idade Média, onde estabeleceu seu próprio reino e lutou contra os romanos na Britânia. A ideia de que uma língua picta distinta teria sido usada em algum momento da História é atestada claramente no livro *Historia ecclesiastica gentis Anglorum* ("História Eclesiástica do Povo Inglês"), escrito no início do século VIII por Beda, que nomeia o dialeto picto como uma língua distinta do galês e do gaélico.

¹⁹ *Tratado de Perth*: após esse tratado, encerrou-se o conflito militar entre a Noruega, sob o reinado de Magnus VI, e a Escócia, sob o reinado de Alexandre III, sobre a soberania das Ilhas Hébridas e a Ilha de Man.

gaelicização de Strathclyde provavelmente havia começado antes do colapso final, e tudo indica que antes do final do século XI todas as terras baixas da parte ocidental da Escócia (gaélico escocês A' Ghalldachd', significado aproximado “região não gaélica”, em inglês Scottish Lowlands) eram de fala gaélica. Porém, o gaélico exerceu pouca influência no inglês de Lothian. Pelo contrário, foi o inglês que então demonstrou sua capacidade de expansão, e isso numa época em que o gaélico era a única língua do resto do país, salvo os minguados remanescentes do nórdico no extremo oeste e no norte. A pura verdade é que Lothian era mais evoluída do que o resto do país, e Edinburgh (a atual capital) mais importante do que Scone. E aqui, naturalmente, era o ponto de contato natural com o importante vizinho do sul.

A partir da segunda metade do século XI, a Casa Real Escocesa ficou submissa à Inglaterra, e Malcolm Canmore (que reinou de 1058 a 1093) foi o último rei escocês cuja língua nativa era o gaélico. Isso acarretou certo ressentimento nas partes célticas e os dois séculos seguintes são marcados por revoltas, todas aparentemente fúteis, contra as políticas da autoridade central. Não se pode afirmar, entretanto, que o gaélico era totalmente ignorado enquanto a linha de sucessão direta dos reis de Dal Riada ocupou o trono. Mas até quando o último desses reis, Alexandre III, veio a falecer em 1286, o inglês deve ter alcançado uma posição inatacável como língua de prestígio e certamente se expandido bastante a expensas do gaélico, embora, sem dúvida, ainda uma língua minoritária no país como um todo. A recessão do gaélico naturalmente começou nas Lowlands (região da Baixa Escócia). Até 1300, a maior parte parece ter sido anglicizada, até 1500 somente Galloway (ao sudoeste) continuava sem afetação, embora em breve também viesse a declinar, e nesse ínterim, o inglês havia avançado até Inverness (ao norte). No começo da era moderna, conseqüentemente, o uso do gaélico ficou confinado às Highlands (região da Alta Escócia) e às Ilhas. Aqui a sociedade de clã permaneceu intacta e a língua nativa continuou em posição elevada, encorajada por muitos dos chefes de governo, especialmente os senhores feudais das Ilhas. Mas o inglês era também empregado oficialmente, sem dúvida, nos círculos mais elevados, embora a grande massa dos membros do clã compreendesse somente o gaélico.



Figura 1: Facsimile do fragmento de uma página do manuscrito do *Livro de Deer* (gaélico escocês, *Auld Deer*) do século X, o mais antigo texto gaélico da Escócia que se conhece. Esta página contém parte do Evangelho de Mateus, capítulo 1: 18-21. Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/Book_of_Deer.

A Reforma Escocesa de 1560, liderada por John Knox (1514 – 1572), provocou uma ruptura formal da Escócia com a Igreja Católica Romana. A Igreja Católica foi abolida, adotando-se o Calvinismo. Além do mais, o movimento reformista havia conduzido ao poder a facção extrema pró-inglês, cuja posição foi posteriormente fortalecida pela União das Coroas em 1603, que decorreu na sequência da subida ao trono da Inglaterra de Jaime VI, Rei da Escócia, que, assim, une a Escócia e a Inglaterra. Iniciou-se, então, a era dos ataques inspirados sobre o reino gaélico. Porém, a despeito das sanções oficiais contra sua língua, a população das Highlands e das Ilhas geralmente permaneceu monolíngüe. Após a derrota do "Jovem Pretendente" ao Trono Britânico, Príncipe Charles Edward Stuart, em 1745, entretanto, teve início a destruição sistemática da sociedade gaélica: inúmeros escoceses das montanhas foram despejados das áreas que haviam sido suas terras tribais hereditárias; outros saíram espontaneamente em busca de sobrevivência nas cidades de fala inglesa nas regiões da Baixa Escócia ou nas colônias. O despovoamento das Highlands nessa época não tem relação com o êxodo gaélico da Irlanda nos anos da grande fome²⁰ e posteriormente. O percentual de falantes do gaélico na Escócia então declinou rapidamente. Estima-se que o número de falantes girava em torno de 50% ou 150.000 no século XVI; em 1801 era de cerca de 20% ou 335.000, decrescendo para 10% ou 300.000 em 1861. Mais ou menos nessa época, o conhecimento do inglês se espalhou rapidamente e já no final do século os gaélicos remanescentes haviam se tornado amplamente bilíngües. O censo de 1901 apresentou 231.000 falantes do gaélico, dos quais somente 28.000 não falavam inglês. A política oficial não mais demonstra declaradamente hostilidade à língua e à cultura das Highlands, em contraste grosseiro em relação ao gaélico na Irlanda. Enquanto isso, o número de falantes tem decrescido constantemente, chegando a cerca de 1,5 % da população. Em 1931, 136.000 foram declarados falantes do gaélico; em 1961 a cifra girava em torno dos 81.000, dos quais menos de 1.000 (essencialmente crianças abaixo da idade escolar) nada falavam de inglês. Salvo algumas localidades, ao longo da costa ocidental, o gaélico é falado predominantemente somente nas Hébridas. Como no caso da Irlanda, um número substancial de falantes do gaélico vive fora dos distritos de fala gaélica – são mais de

²⁰ A Grande fome na Irlanda (em irlandês: *An Gorta Mór*) foi um período de fome, doenças e emigração em massa entre 1845 e 1852, em que a população da Irlanda se reduziu entre 20 e 25 por cento. A fome provocou a morte a cerca de um milhão de pessoas e forçou mais de um milhão a emigrar da ilha (Ó GRÁDA, 2006, p. 7).

10.000 em Glasgow – e supõe-se que menos da metade dos que falam a língua de fato a utiliza habitualmente como meio de comunicação.

Na Idade Média, os gaélicos escoceses cultos, cômicos de sua linhagem irlandesa, empenharam-se em escrever o gaélico irlandês, isto é, a forma literária padrão daquele país. Não há, pois, registro da literatura medieval no gaélico escocês; certamente, a Escócia e Irlanda ainda compartilhavam uma língua literária comum no século XVI. Vale aqui notar que o primeiro livro impresso em gaélico irlandês foi uma tradução do livro de orações da igreja reformada de Escócia por Carswell, bispo das Ilhas Hébridas, editado em Edinburgo, em 1567, expressamente dirigido tanto a escoceses quanto a irlandeses. O primeiro documento considerável em gaélico escocês propriamente dito é uma coleção de poemas do início do século XVI. Aqui se verificou também uma ruptura com a ortografia tradicional irlandesa, mas essa nova divergência não foi seguida de maneira geral, embora na Escócia somente letras latinas fossem usadas.

A primeira tradução da Bíblia em gaélico escocês de que se tem notícia foi publicada em Londres em 1690 pelo Reverendo Robert Kirk, ministro de Aberfoyle; entretanto sua circulação foi bastante restrita. A primeira tradução bem conhecida da Bíblia para o gaélico escocês foi realizada em 1767, quando o James Stuart ministro de Killin juntamente com o poeta Dugald Buchanan traduziram o Novo Testamento.

AMOSTRA DE TEXTO BÍBLICO DO EVANGELHO DE JOÃO, CAPÍTULO 5, VERSÍCULOS 1 A 8:

1. *An toiseach bha am Focal, agus bha am Focal maille ri Dia, agus b'e am Focal Dia.*
2. *Bha e seo air tùs maille ri Dia.*
3. *Rinneadh na h-uile nithean leis; agus as eugmhais cha d'rinneadh aon ni a rinneadh.*
4. *Ann-san bha beatha, agus b'i a' bheatha solus dhaoine.*
5. *Agus tha'n solus a' soillseachadh anns an dorchadas, agus cha do ghabh an dorchadas e.*
6. *Chuireadh duine o Dhia, d'am b'ainm Eoin.*
7. *Thàinig esan mar fhianuis, chum fianuis a thoirt mu'n t-solus, chum gu 'n creideadh na h-uile dhaoine trìd-san.*
8. *Cha b'esan an solus sin, ach chuireadh e chum gu'n tugadh e fianuis mu'n t-solus.*

A literatura impressa em gaélico escocês começa em 1751 com a

publicação dos poemas de Alexander MacDonald.²¹ A produção literária tem necessariamente permanecido modesta. Livros devocionais figuram proeminentemente entre as obras publicadas mais antigas; posteriormente a poesia e o folclore surgem de maneira independente. Contos e peças teatrais também desfrutaram de certa popularidade. Um pequeno sortimento de livros, a maior parte de livros didáticos, principalmente de leitura, às vezes adaptados do irlandês, deixaram de ser publicados.

Até bem recentemente, o gaélico escocês era geralmente denominado Erse, que simplesmente é o desenvolvimento da palavra “Irish” dos habitantes das Lowlands (de maneira obscura baseado no irlandês antigo *Ériu*; cf. norueguês antigo *Erische*). Às vezes esse termo era empregado para identificar o gaélico irlandês, embora os próprios irlandeses não tenham aprovado esse uso.

O gaélico escocês tem contribuído com vários elementos na variedade do inglês empregado localmente na Escócia, como, por exemplo, *finnock* < *fionnag* “espécie de truta marinha”, *larach* < *larach* “sítio”, *sharrow* < *searbh* “amargo”. Semelhantemente, o inglês padrão incorporou em seu léxico algumas palavras dessa fonte. Exemplos incluem *cairn* < *carn* “pilhas de pedras”, *clan* < *clann* “clã, casta”, *fulmar* < *fulmair* “espécie de ave das regiões árticas” (basicamente de origem nórdica *fúll* “sujo” + *már* “gaivota”, por associação a seu cheiro repugnante), *slogan* < *sluagh ghairm* “grito de guerra dos montanhese da Escócia”, *whiskey* < *uisce beatha* “água da vida” (decalque do latim *aqua vitae*). Outros empréstimos se referem ao cenário local, como *clachan* < *clachan* “aldeola”, *claymore* < *claidheamh mór* “antiga espada escocesa de dois gumes”, *gillie* < *gille* “criado”, *ptarmigan* < *tarmachan* “espécie de perdiz ártica”, *sporrán* “bolsa de pele usada pelos escoceses diante do saio”.

²¹ Alexander MacDonald (em gaélico escocês: *Alasdair mac Mhaighstir Alasdair*) (c. 1698-1770) foi poeta e lexicógrafo escocês, respeitado como talvez o mais prolífico e refinado poeta de língua galesa do século XVIII; é o autor de obras como *Aisheiridh na Sean Chánain Albannaich* (“Ressurreição da antiga língua escocesa”, 1751), *Broshachadh nam Fineachan Gaidhealach* (“Incitação dos clãs gaélicos”, 1745), *Birlinn Chlann Raginail* (1745), *Oran don Allt an t’Siúcar*, *Urnuigh don’n Cheòrlaidh* (“Incitação às musas”) e *Moladh Móraig* (“Loanza de Moladh”).



Figura 2: Sinal de trânsito bilíngue em gaélico e inglês, em Mallaig

A herança gaélica sobrevive em topônimos e antropônimos. Como na Irlanda, são frequentemente transparentes, por exemplo, *Strathmore*, gaélico *An Strath Mór* “O Grande Vale”, *Oban*, gaélico *An t-Òban* “A Baía”. Sobrenomes usualmente contêm *mac* “filho” seguido do genitivo do nome, como *MacIntyre*, *MacPherson*, gaélico *Mac an tSaoir* (*saor* “carpinteiro”), *Mac a' Phearsoin* (*pearson* “pessoa”). *Cameron*, gaélico *Camshròn*, era originalmente um apelido (*cam* “torto” + *sràn* “nariz”).

2. *Esboço gramatical*

Com base nas obras pioneiras de Lockwood (1975), Trudgill (1984), Lewis e Pederson (1989), Thomas (1996), Davies (1999) e ou-

tros, apresentaremos a seguir um esboço de alguns aspectos morfossintáticos mais relevantes do gaélico escocês. Nesse esboço, procuraremos descrever a língua literária padrão. A exemplo das demais línguas célticas, a maior parte do gaélico escocês falado, entretanto, é de um modo geral dialetal; esses vários dialetos diferem do padrão escrito e entre si, às vezes variam consideravelmente na fonologia, incluindo as mutações, nas inflexões das palavras e na sintaxe.

A maior parte do vocabulário do gaélico escocês é predominantemente céltico. Há, contudo, um número expressivo de empréstimos do Latim, (*muinntir*, *Didòmhnach*), grego antigo, especialmente no domínio religioso (*eaglais*, *Bioball* de *Ekklesia* e *Biblia*), norueguês (*eilean*, *sgeir*), hebraico (*Sàbaid*, *Aba*) e francês (*seòmar*).

O gaélico escocês segue a típica estrutura VSO (verbo-sujeito-objeto) compartilhada pela maioria das línguas célticas (embora outras ordens sejam possíveis). Os verbos são totalmente conjugados e possuem a maioria das formas típicas das línguas indo-europeias: os tempos presente, pretérito, futuro; os modos indicativo, subjuntivo, condicional e imperativo e as vozes ativa e passiva. As únicas formas verbais ausentes no galês são o infinitivo e o particípio, cujos significados se expressavam através de construções perifrásticas com substantivos verbais.

Nosso enfoque nesse trabalho é o registro escrito. Entretanto, nem mesmo o gaélico literário está rigorosamente padronizado, daí encontrarem-se variantes; em alguns casos, como na literatura popular, as nuances locais pode ser bem acentuadas.

2.1. O alfabeto

O alfabeto gaélico escocês é composto por dezoito letras; treze consoantes e cinco vogais:

a, b, c, d, e, f, g, h, i, l, m, n, o, p, r, s, t, u

As cinco vogais aparecem também com o acento grave, cuja presença ou ausência pode mudar drasticamente o significado de uma palavra, com em *bàta* (“um barco”) e *bata* (“uma vara ou bengala”):

à, è, ì, ò, ù

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

O alfabeto é conhecido como *aibidil* em gaélico escocês, e em tempos passados *Beith Luis Nuin*, nome das três primeiras letras do alfabeto ogâmico: *b, l, n*.

As letras eram tradicionalmente denominadas a partir de nome de plantas. Alguns desses nomes diferem dos equivalentes modernos (e.g. *dair* > *darach*, *suil* > *seileach*).

ailm “elmo”	beith “vidoeiro branco”	coll “aveleira”	dair “carvalho”	eadha “faia”	feàrn “amieiro”
gort “hera”	uath “espinheiro-alvar”	ioghy “teixo”	luis “sorveira”	muin “videira”	nuin “freixo”
onn “tojo” / oir “evônimo”	peith “vidoeiro lanuginoso”	ruis “sabugueiro”	suil “salgueiro”	teine “tojo”	ura “urze”

2.1.1. Sons vocálicos

Cada fonema se refere a vogais átonas, salvo quando indicado o contrário. De um modo geral, o acento tônico ocorre na primeira sílaba.

[a] é representado por *a, ai*, como em *agus* [akəs] “e”, *bainne* [banə] “leite”, também nos sufixos diminutivos *-(e)ag*, *-(e)an*, como em *caileag* [kal k] “menina”, *lochan* [loXan] “pequeno lago”.

[a:] é representado por *à, ài*, como em *làn* [la:n] “cheio”, *càise* [ka:ʃə] “queijo”.

[e] é representado por *e, ei, ea*, como em *le* [l'e] “com”, *leis* [l'ej] “com (o, a)”, *sean* [ʃen] “velho”; às vezes por *ai*, como em *aig* [ek] “em”, *air* [er] “sobre”.

[ɛ:] é representado por *è, èa*, como em *stèsean* [stɛ:ʃan] “estação”, *gèadh* [g'ɛ:] “ganso”.

[e:] é representado por *éi, eu*, como em *éisdeachd* [e:ʃtʃəXk] “ouvindo”, *beul* [be:l] “boca”.

[i] é representado por *i, io*, como em *mil* [mil] “mel”, *fios* [fis] “conhecimento”; frequentemente em sílabas átonas por *ai*, como em *eaglais* [ekliʃ] “igreja”.

[i:] é representado por *i, iò*, como em *tìr* [tʃi:r] “terra”, *sìoda* [ʃi:tə] “seda”.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

[ø:] é representado por *ao, aoi*, como em *gaoth* [gø:] “vento”, *faoileag* [fø:l'ak] “gaivota”.

[o] é representado por *o, oi, eo*, as *bog* [bok] “macio”, *sgoil* [skol'] “escola”, *deoch* [dʒoX] “bebida”, *leabhar* [l'ó-ər] “livro”.

[ɔ:] é representado por *ò, òi, eó, eòì*, como em *bróg* [brɔ:k] “sapato”, *càir* [kɔ:r] “generoso”, *ceà* [k'ɔ:] “nevoeiro”, *feàil* [fjɔ:l] “carne”.

[o:] é representado por *ó, oi*, como em *mór* [mo:r] “grande”, *cóig* [ko:k'] “cinco”.

[u] é representado por *u, ui, iu*, como em *muc* [muk] “porco”, *uisge* [u]k'ə] “água” (cf. *uisge beatha*, literalmente “água da vida”, donde > “whisky”), *fliuch* [fl'uX] “molhado”.

[u:] é representado por *ú, ùi, iù, iùì*, como em *glún* [glu:n] “joelho”, *cùil* [ku:l'] “recanto, esconderijo”, *siúcar* [ʃu:kər] “açúcar”, *stiúir* [ʃtʃu:r] “leme”.

[ə] é representado pelas vogais átonas *a, ea, e, u*, (veja-se acima), também por *o* como em *aotrom* [ø:trəm] “leve” (peso), além disso comumente por *ai* antes de *r*, como em *seàladair* [ʃɔ:lətər] “marinheiro”, ocasionalmente por *a* tônico, como em *aghaidh* [əyi] “rostro”.

[ai] é representado por *aigh*, como em *saighdear* [saitʃər] “soldado”.

[au] é representado por *a* ou *o* antes de *ll, nn, ng, m* em in monossílabos, como em *mall* [maul] “lento”, *anns* [auns] “em”, *long* [lauŋk] “navio”, *trom* [traum] “pesado”, também por *amh*, especialmente antes de consoantes, como em *samhradh* [saurəy] “verão”.

[iə] é representado por *ia, iai, as fiadh* [fləy] “cervo”, *Iain* [iə́n] “João”.

[uə] é representado por *ua, uai*, como em *uan* [uə́n] “cordeiro”, *fuaim* [fuə́m] “som”.

Observe ainda *cruaidh* [kruɪ] “duro, difícil”, *an déidh* [ə́nʒe:i] “depois de”, *Gaidheal* [gai-ə́l] “escocês das montanhas”, *oidhche* [øiçə] “noite”, *tràigh* [tra:i] “litoral”.

Uma vogal epentética²² pode se desenvolver entre algumas conso-

²² *Vogal epentética*: trata-se de uma vogal inserida em encontros consonantais heterossilábicos (consoantes em sílabas diferentes), como por exemplo, no inglês contemporâneo *glass* [glæs] “copo” → *glasses* [glæsz] “copos”; (cf. português *pneu, advogado* e *amnésia* etc.).

antes, como em *ainm* [aínm] “nome”, *balbh* [baləv] “mudo, silencioso”, *airgead* [arək'ət] “dinheiro”.

As consoantes são geralmente pronunciadas como no Irlandês; observa-se, entretanto, que o contraste entre as qualidades velares e palatais desapareceu no caso de *p*, *b*, *m*, *f*, *ph*, *bh*, *mh* (os dois últimos [v]), por exemplo, *pian* [piən] “dor”, *peann* [pjəun] “caneta”. O [j] pode ser representado por *e* em alguns casos, principalmente em posição inicial, como em *eórna* [jə:rna] “cevada”, também por *i* inicial, como em *iuchair* [juXər] “chave”. Exceto em posição inicial, *b*, *d*, *g* são pronunciados como *p*, *t*, *c*, mas sem aspiração; as palatais *d* e *t* soam [dʒ, tʃ] respectivamente quando iniciais, em outros casos, uniformemente [tʃ]; o *d* precedido de *ch* soa [k], como em *luchd* [luXk] “pessoas, povo”. O *s* inicial soa [h] também em encontros consonantais, como em *sgian* [sk'iən] “faca”. O dígrafo *th* soa [h] em posição inicial (porém *thu* [u] “tu, você”), também em posição medial entre vogais; pode ainda indicar hiato, como em *rathad* [ra-ət] “estrada”; em outros casos é mudo, como em *blàth* [bla:] “quente, caloroso”, *aithne* [aíne] “conhecimento”.

Os dígrafos *dh*, *gh* podem fundir-se com vogais para formar ditongos. São geralmente mudos entre vogais, indicando hiato, como em *adharc* [ə-ərk] “chifre”, *rioghachd* [ri:-əoXk] “reino”, mas às vezes pronunciados como (velar) *aghaidh* [əyi] “face, rosto”, (palatal) *buidheach* [bɔ:jəX] “bonito, belo”, também inicialmente, como em *dh'fhàg* [ya:k] “deixado” (pretérito), *a' ghealach* [ə jaləX] “a lua”; são mudos em posição medial antes de consoantes, como em *Gàidhlig* [ga:l'ik] “Gaélico (língua)”, *saighdear* [saitʃər] “soldado”; quando final, são pronunciados após *a*, *à*, como em *ruadh* [ruəy] “vermelho”, *gràdh* [gra:y] “amor” (mas *ràdh* [ra:] “dizendo (verbo)”, *agh* [əy] “novilha”, *bàgh* [ba:y] “baía”, mas em outros casos são mudos, como em *céilidh* [k'ə:l'i] “encontro social”, *rìgh* [ri:] “rei”. Os dígrafos mediais *bh*, *mh* podem também fundir-se com vogais para formar ditongos; são geralmente mudos entre vogais indicando hiato, como em *gobha* [gə-ə] “ferreiro”, *comhairle* [ko-irl'ə] “conselho”, mas às vezes pronunciado como em *seabhac* [fəvək] “gavião”, *Damhar* [davər] “outubro”; *bh* é mudo quando final após *u*, como em *dubh* [du] “preto”, e também em *robh* [ro] “era ou estava”.

2.1.2. Mutações iniciais

Como em outras línguas célticas já estudadas em artigos anteriores, em gaélico escocês é comum a ocorrência de mutações na letra inicial das palavras em certas circunstâncias, em geral da palavra precedente. O irlandês e o gaélico escocês diferem consideravelmente no âmbito do vocabulário, mas ocorrem também divergências significativas na fonética e nas flexões. Em primeiro lugar, o gaélico escocês escrito descartou completamente a mutação nasal (ou eclipse), exemplos: gaélico escocês *ar bb*, "nossa vaca", irlandês *ar m-bó*; gaélico escocês *nan tir* "dos países", irlandês *na d-tir*. Deve-se observar, entretanto, que na ilha de Skye e nas Hébridas Exteriores, também conhecidas como Ilhas Ocidentais (gaélico escocês: *Na h-Eileanan Siar*), a mutação nasal foi parcialmente restaurada e em algumas áreas existem até mesmo paralelos à mutação nasal galesa do *c*, *p*, *t* em *ngh*, *mh*, *nh*. Em segundo lugar, *c*, *p*, *t* pós-vocálicos são comumente precedidos de um fonema surdo não representado na escrita, desse modo, *mac* "filho" é pronunciado [mahk]; *slat* "vara, bastão" como [slaht].

2.1.3. Morfologia e sintaxe

O gaélico escocês uma língua céltica da família indo-europeia que possui uma morfologia bastante flexionada, padrão sintático verbo-sujeito-objeto e dois gêneros gramaticais.

2.1.3.1. Substantivos

Os substantivos em gaélico escocês possuem dois gêneros: masculino e feminino. Alguns substantivos que outrora pertenciam a uma classe neutra apresentam certa confusão, por exemplo, *am muir* "o mar" se comporta como masculino nominativo, mas como feminino no genitivo (*na mara*).

A evolução das classes declinativas guarda, em geral, algumas semelhanças com o gaélico irlandês. Um traço notável do gaélico escocês é o uso prolífero do plural (nominativo vocativo acusativo dativo) terminando em *-an*, que pode também se estender ao genitivo. As mutações podem desempenhar um papel significativo na declinação, como no irlandês, e conformar no todo aos mesmos padrões. Como no irlandês, a partícula do vocativo é *a*.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Alguns substantivos do irlandês antigo sobrevivem na Escócia como segue:

nom. ac. dat. *fear* m. “homem”, voc. gen. *fir*; pl. nom. ac. dat. *fir*; voc. *feara*, gen. *fear*.

sgeul f. “história, conto”, gen. *sgebil*, pl. *sgeulan*, gen. *sgeul*.

dealbh f. “quadro”, gen. *dealbha*, pl. *dealbhan*, gen. *dealbh*.

cnàimh m. “osso”, gen. *cnàmha*, pl. *cnàmhan*, gen. *cnàimh*.

súil f. “olho”, gen. *sùla*, pl. *sùilean*, gen. *sùl*.

muir f. “mar”, gen. *mara*, pl. *marannan*.

cath m. “batalha”, gen. *catha*, pl. *cathan*, gen. *cath*.

dorus m. “porta”, gen. *doruis*, pl. *dorsan*.

caora f. “carneiro”, gen. *caorach*, pl. *caoraich*, gen. *caorach*.

rìgh m. “rei”, pl. *rìghrean*.

teanga f. “língua”, gen. dat. *teangaidh*, pl. *teangan*.

caraid m. “amigo”, pl. *càirdean*.

cú m. “cão”, gen. *coin*, pl. *coin*, gen. *con*.

Eirinn f. “Irlanda”.

Alternativas são às vezes aceitáveis: *sgevil*, *deilbh* ao lado de *sgeulan*, *dealbhan*; os gêneros podem variar, daí *sgeul* também masculino.

2.1.3.2. Adjetivos

Do mesmo modo que os substantivos, a evolução dos adjetivos no gaélico escocês e no irlandês é bastante paralela. A flexão adjetiva corresponde, em princípio, à dos substantivos, embora o genitivo plural tenha desaparecido. As mutações permanecem como um traço visível, conformando no todo ao sistema irlandês. Desse modo, o irlandês antigo *becc* “pequeno” sobrevive atualmente como *beag*, flexionando como segue:

Sg. masc. nom. acc. dat. *beag*, voc. gen. *big*, fem. todos os casos *beag*, exceto gen. *bige*.

Pl. ambos os gêneros e todos os casos *beaga*.

O comparativo e o superlativo não se distinguem formalmente: *sean* “velho”, *sine* “mais velho ou o mais velho”, *àrd* “alto”, *àirde* “mais alto ou o mais alto”.

A Comparação irregular permanece, exemplo, *math* “bom”, *feàrr* “melhor ou o melhor”, *olc* “mau”, *miosa* “pior ou o pior”.

2.1.3.3. Numerais

Contagem: 1 *a h-aon*, 2 *a dhà*, 3 *a tri*, 4 *a ceithir*, 5 *a cóig*, 6 *a se*, 7 *a seachd*, 8 *a h-ochd*, 9 *a naoi*, 10 *deich*, 11 *a h-aon deug*, 12 *a dhà dheug*, 13 *a tri deug*, 14 *a ceithir deug*, 15 *a cóig deug*, 16 *a se deug*, 17 *a seachd deug*, 18 *a h-ochd deug*, 19 *a naoi deug*, 20 *a fichead*, 21 *a h-aon air fhichead*, 30 *deich air fhichead*, 40 *di f hichhead*, 50 *dà f hichhead 's a deich*, 60 *tri fichead*, 70 *tri fichead 's a deich*, 80 *ceithir fichead*, 90 *ceithir fichead 's a deich*, 100 *ceud*, 1000 *mile*.

As seguintes formas são usadas com substantivos: 1 *aon*, 2 *dà*, 3 *tri*, etc., exemplo, *dà dhuine dheug* “12 homens”.

2.1.3.4. Artigo definido

A forma do artigo definido²³ depende do número, gênero e caso do substantivo, conforme a tabela abaixo.

Sg. nom. ac. masc. *an*, *am* antes de substantivos começando com consoante bilabial: *am feur* “a grama”.

gen. *an*, *a'* quando o substantivo é aspirado, exceto *fh*:

mullach a' chnuic “(o) topo da colina”, porém *dath an*

fhèbir “(a) cor da grama”.

dat. *an*, *a'* quando o substantivo é aspirado, exceto *fh*: *leis a' chú* “com o cão”, porém *'n* após preposição terminando em vogal: *do'n luch* “para a casa”.

²³ As formas do artigo definido remontam a uma raiz do celta comum **sindo-*, *sindā-*. O *s* inicial, já desaparecido no período do irlandês antigo, continua preservado nas formas de algumas preposições (EWIS & PEDERSEN, 1989: §200; THURNESEN, 1993: §467).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

an, *a'* quando o substantivo é aspirado, exceto *fh*: *a' bhròg* “o sapato”.

na, com prefixação *h* a substantivo começando com vogal: *na h-eaglaise* “da igreja”.

an, *a'* quando o substantivo é aspirado, exceto *fh*: *anns a' choille* “na floresta”.

O substantivo é aspirado após o artigo no nominativo e acusativo feminino, genitivo masculino, e dativo, exceto quando iniciado com *d*, *t* ou *s*.

O nominativo/acusativo masculino antepõe *t* ao substantivo começando com a vogal *a*: *an t-eun* “o pássaro”; o nominativo/acusativo feminino, genitivo masculino, e dativo antepõem *t* ao substantivo começando com *s* seguido de *l*, *n*, *r*, ou vogal, abrandando o *s*: (nominativo/acusativo) *an t-slat* “o bastão”, (genitivo) *an t-siùil* “da vela” (de navio), (dativo) *leis an t-slait* “com a vela”, *de'n t-seòl* “afastado, fora da vela”.

Pl. nom. ac. dat. *na*, antepondo *h* a substantivo começando com vogal: *na h-eòin* “os pássaros”.

gen. *nan*, *nam* antes de substantivos começando com consoante bilabial: *obair nam*

bard “(a) obra dos poetas”.

Não existe artigo indefinido no gaélico escocês.

2.1.3.5. Pronomes

Os pronomes pessoais são os seguintes: *mi* “eu, me”, *thu* (ou *to* após certas formas verbais) “tu, você”; *e* “ele, o, lhe”; *i* “ela, a, lhe”; *sinn* “nós, nos”, *sibh* “vós, vocês”; *iad* “eles, elas”, “os, as, lhes”. A esses pronomes acrescentam-se as formas enfáticas: *mise*, *thusa* ou *tusa*, *esan*, *ise*, *singe*, *sibhse*, *iadsan*.

Os pronomes podem ser omitidos com algumas formas verbais que preservam terminação distinta: *bhithinn* “eu seria/estaria”, *bhithemaid* “nós seríamos/estaríamos”; porém *bhiththeadh to* “tu serias/estarias”, *bhiththeadh e* “ele seria/estaria” etc.

Os pronomes aglutinam-se com certas preposições, exemplos, *aig* “em, para”: *agam* “para mim”, *agad* “para ti”, *aige* “para ele”, *aice* “para

ela, *againn* “para nós”, *agaibh* “para vós/vocês”, *aca* “para eles/elas”, com as formas enfáticas correspondentes *agamsa*, *agadsa*, *aigesan*, *aice-se*, *againne*, *agaibhse*, *acasan*. Outros exemplos incluem *air* “sobre” : *orm* “sobre mim”, *ort* “sobre ti”, *air* “sobre ele”, *oirre* “sobre ela”, *oirnn* “sobre nós”, *oirbh* “sobre vós/vocês”, *orra* “sobre eles/elas”, forma enfática *ormsa*, etc., *le* “com” : *learn* “comigo”, *leat* “contigo”, *leis* “com ele”, *leatha* “com ela”, *leinn* “conosco”, *leibh* “convosco”, *leo* “com eles/elas”, forma enfática *leamsa* etc.

Os possessivos são os seguintes: *mo*, antes de sons vocálicos *m* “meu”, *do*, antes de sons vocálicos *d* “teu, seu”, *a* “dele” – todos aspirados, *a* “dela” prefixando *h* a vogais, *ar* “nosso” prefixando *n* a vogais, *ur* “vosso” prefixando *n* a vogais, *an*, antes de consonantes labiais *am* “deles”. A particular enfátizadora seuge o substantivo: *mo leabhar-sa* “meu livro”.

2.1.3.6. Verbos

Existem no gaélico escocês 12 verbos irregulares. A maioria dos demais verbos segue um paradigma bastante previsível, contudo verbos polissilábicos terminados em consoantes laterais podem desviar desse paradigma.

O princípio flexional, ainda proeminente no irlandês, encontra-se bem reduzido no gaélico escocês. O presente e o imperfeito sintéticos bem como o subjuntivo, em geral, desapareceram. Em contraposição ao irlandês, entretanto, o gaélico escocês preserva uma forma passiva como tal.

Os tempos perifrásticos se formam predominantemente com o verbo substantivo.²⁴ Há apenas uma classe de verbos regulares.

A conjugação do antigo irlandês continua essencialmente como segue:

Substantivo verbal: *leigeil* “permitir”

²⁴ A raiz indo-europeia *(s)teh- significava “estar de pé”. Dessa raiz provém o radical do presente do assim chamado “verbo substantivo” em irlandês e em gaélico escocês, *tá* e *tha* respectivamente (cf. latim *stō*, *stare*).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

a. Voz ativa

Pres. sg. 1 *tha mi a' leigeil* literalmente “estou em permitir”, 2 *tha thu a' leigeil*, etc Fut. sg. 1 *leigidh mi*, 2 *leigidh thu*, etc.

Cond. sg. 1 *leiginn*, 2 *leigeadh tu*, 3 *leigeadh e*, pl. 1 *leigeamaid*, 2 *leigeadh sibh*, 3 *leigeadh iad*.

Imperf. sg. 1 *bha mi a' leigeil* literalmente “estava em permitir”, 2 *bha thu a' leigeil*, etc.

Pret. sg. 1 *leig mi*, 2 *leig thu*, etc.

b. Imperativo

sg. 1 *leigeam*, 2 *leig*, 3 *leigeadh e*, pl. 1 *leigeamaid*, 2 *leigibh*, 3 *leigeadh iad*.

Entre outros tempos perifrásticos, podemos observar: (perfeito) *tha mi air leigeil* literalmente “estou a permitindo”, (mais-que-perfeito) *bha mi air leigeil* literalmente “estava a permitindo”.

c. Voz passiva

Pres. sg. 1 *tha mi leigte* literalmente “sou permitido”, 2 *tha thu leigte*, etc., também *tha mi air mo leigeil* literalmente “estou a meu permitindo”, *tha thu air do leigeil*, etc.

Fut. sg. 1 *leigear mi*, 2 *leigear thu*, etc.

Cond. sg. 1 *leigteadh mi*, 2 *leigteadh thu*, etc.

Imperf. sg. 1 *bha mi leigte* literalmente “fui permitido”, 2 *bha thu leigte*, etc., também sg. 1 *bha mi air mo leigeil* literalmente “estava a ser meu permitindo”, *bha thu air do leigeil*, etc.

Pret. sg. 1 *leigeadh mi*, 2 *leigeadh thu*, etc.

d. Imperativo

sg. 1 *leigtear mi*, 2 *leigtear thu*, etc.

Particípio: *leigte* “permitido”.

e. O verbo “ser”

A distinção entre o verbo substantivo e a cópula (ligação) sobrevive igualmente no irlandês e no gaélico escocês; sendo que naquele possui formas impessoais.

Substantivo verbal: *bith* “sendo”

f. Voz ativa

Pres. sg. 1 *tha mi*, 2 *tha thu*, 3 *tha e*, pl. 1 *tha sinn*, 2 *tha sibh*, 3 *tha iad*, negativa *chan eil mi*, interrogativa *a bheil mi?* neg. *nach eil mi?* Fut. sg. 1 *bithidh mi*, 2 *bithidh thu*, etc., negativa *cha bhi mi*, interrogativa *am bi mi?* neg. *nach bi mi?*

Cond. sg. 1 *bhithinn*, 2 *bhitheadh tu*, 3 *bhitheadh e*, pl. 1 *bhitheamaid*, 2 *bhitheadh sibh*, 3 *bhitheadh iad*, negativa *cha bhithinn*, interrogativa *am bhithinn?* neg. *nach bhithinn?*

Passado sg. 1 *bha mi*, 2 *bha thu*, 3 *bha e*, pl. 1 *bha sinn*, 2 *bha sibh*, 3 *bha iad*, negativa *cha robh mi*, interrogativa *an robh mi?* neg. *nach robh mi?*

g. Imperativo

sg. 1 *bitheam*, 2 *bi*, 3 *bitheadh e*, pl. 1 *bitheamaid*, 2 *bithibh*, 3 *bitheadh iad*.

h. Impessoal

Presente *thatar* “está sendo, existe” (*chan eilear*, *am beilear?* *nach eilear?*), futuro *bitear*; passado *bhatar* (*cha robhar*, etc.).

i. (Cópula)

Presente (todas as pessoas sg. e pl.): *is*, negativa *cha*, interrogativa *an?* neg. *nach?* Os pronomes são sg. 1 *mi*, 2 *tu*, 3 *e*, *i*, pl. 1 *sinn*, 2 *sibh*, 3 *iad*. Antes de vogais, *cha* torna-se *chan*, donde sg. 3 *chan e*, etc., note-se sg. 1 *cha mhi*. Note-se ainda interrogativa sg. 1 *am mi?*

Passado (todas as pessoas): *bu*, negativa *cha bu*, interrogativa *am bu?* Antes de vogais *bu* torna-se *b'*, donde sg. 3 *b'e*, etc. Note-se sg. 1 *bu mhi*.

Na ausência do verbo “ter”, a noção de posse expressa-se comumente pelo verbo substantivo com a preposição *aig* “em”; exemplo, *tha taigh againn* “temos uma casa”, literalmente “está casa em nós”.

3. Considerações finais

O gaélico escocês, como vimos, chegou à Escócia no século V d.C., quando os Celtas provenientes do norte da Irlanda se assentaram na costa ocidental, levando uma variedade do gaélico que substituiu a antiga língua dos Pictos falada na região até então (daí a semelhança com o irlandês e o manx da Ilha de Man).

O gaélico escocês possui uma tradição oral e escrita bastante rica, referida como *beul-aithris*, tendo sido a língua da cultura bárdica dos clãs das Highlands ((gaélico escocês: *A' Ghàidhealtachd*, literalmente "Terra dos Gaels"²⁵ por muitos anos.

Posteriormente, os empréstimos linguísticos provenientes dos Anglo-Saxões e dos Vikings contribuíram para que o idioma ficasse, cada vez mais, relegado. Atualmente é falado por cerca de 60 mil pessoas nas regiões setentrionais da Escócia, o que representa estatisticamente, menos de 2% da população escocesa – de um total de 5,1 milhões. Para essa minoria, entretanto, há vários jornais e programas de rádio disponíveis. Em 21 de abril de 2005 foi, finalmente, aprovada no Parlamento da Escócia a lei que torna o gaélico escocês uma das línguas oficiais da Escócia, juntamente com o inglês.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARNHART, Robert K. (Ed.). *Chambers dictionary of etymology*. Edinburgh: Chambers Harrap Publishers, 1988.

²⁵ Os *Gaels* ou *Goidels* são os Celtas da Irlanda, Ilha de Man ou (especialmente) Escócia e são falantes de uma das línguas célticas do ramo goidélico: irlandês, gaélico escocês e manx (ou manquês). As línguas goidélicas, por sua vez, pertencem ao ramo das línguas célticas insulares; o outro ramo é o britônico: galês, córnico, bretão.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

BERGGREN, J. Lennart; JONES, Alexander. *Ptolemy's Geography: An Annotated Translation of the Theoretical Chapters*. Princeton and Oxford: Princeton University Press, 2000.

COLGRAVE, Bertram; MYNORS, R. A. B. (eds.). *Bede's Ecclesiastical History of the English People*. Oxford: Clarendon Press. (Parallel Latin text and English translation with English notes.), 1969.

CALDER, George. *A Gaelic Grammar*. Glasgow: Gairm, 1990.

CAMPBELL, Ewan. Were the Scots Irish? *Antiquity* 75, 2001, 285-92.

CRYSTAL, David. *The Cambridge Encyclopedia of the English language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

D'AUTERIVE, R. Grandsaignes. *Dictionnaire des racines des langues européennes*. Paris: Larousse, 1948.

DAUZAT, Albert. *L'Europe linguistique*. Paris: Payot, 1940.

DWELLY, Edward. *The Illustrated Gaelic-English Dictionary*. 10. ed. Glasgow: Gairm, 1988.

ELLIS, Peter Berresford. *Celt and Saxon. The struggle for Britain AD 410-937*. London: Constable, 1993.

GILES, William. Scottish Gaelic. In: BALL, Martin J.; FIFE, James (Eds.). *The Celtic Languages (Routledge Language Family Descriptions)*, London: Routledge, 1993, p. 145-227.

GREGOR, D. B. *Celtic: a comparative study*. Cambridge: Oleande Press, 1980.

GREENE, David. Celtic Languages. *Encyclopaedia Britannica*. Macropaedia 15. ed. Chicago: The University of Chicago, 1976, vol. 3, p. 1064-1068.

HAYWOOD, John. *Atlas of the Celtic world*. London: Rhames & Hudson, 2001.

HERBERT, Maire. Rí Érenn, Rí Alban, kingship and identity in the ninth and tenth centuries. In: TAYLOR, Simon (Ed.). *Kings, Clerics and Chronicles in Scotland, 500-1297*. Dublin: Four Courts Press, 2000, p. 63-7.

HUNTER, James. *The Making of the Crofting Community*. Edinburgh: John Donald Publishers, 1976.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

JONES, Charles. *The Edinburgh history of the Scots language*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1997.

KRUTA, Venceslas. *Celtes. Histoire et dictionnaire. Des origines à la romanisation et au christianisme*. Paris: Robert Laffont, 2000.

LEWIS, Henry; PEDERSON, Holger. *A Concise Comparative Celtic Grammar*. 3. ed. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1989.

LOCKEWOOD, W. B. *Languages of the British Isles past and present*. London: Andre Deutsch, 1975.

MACKENZIE, Donald W. The Worthy Translator: How the Scottish Gaels got the Scriptures in their own Tongue. *Transactions of the Gaelic Society of Inverness*, 1990-92, n. 57, p. 168-202.

MCARTHUR, Tom (Ed.). *The Oxford Companion to the English Language*. Oxford & New York: Oxford University Press, 1992

MEILLET, Antoine. *Introduction à l'étude comparative des langues indo-européennes*. Alabama: University of Alabama Press, 1964.

MENNINGER, Karl. *Zahlwort und Ziffer: Eine Kulturgeschichte der Zahlen*. Göttingen: Vandehoeck & Ryprecht, 1957-58.

Ó GRÁDA, Cormac. *Ireland's Great Famine: Interdisciplinary Perspectives*, Dublin: University College Dublin Press, 2006.

ONIONS, C. T. *The Oxford dictionary of English etymology*. Oxford: Oxford University Press, 1966.

SARAIVA, F. R. dos Santos. *Dicionário latino-português*. 12. ed. Belo Horizonte: Garnier, 2006.

SNYDER, Christopher Allen. *The Britons*. Oxford: Blackwell Publishing, 2003.

TÁCITO [Publius Gaius Cornelius Tacitus]. *De vita et moribus Iulii Agricolae*. Charleston: BiblioLife Reproduction Series, 2009.

THURNEYSEN, Rudolf. *A Grammar of Old Irish*. Translated by D. A. Binchy and Osborn Bergin. Dublin: Dublin Institute for Advanced Studies, 1993.

TRUDGILL, Peter (Ed.). *Language in the British Isles*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

VENNEMANN, Theo. *Europa Vasconica-Europa Semitica: Trends in*

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Linguistics. Studies and Monographs. Editado por Patrizia Noel Aziz Hanna and Patrizia Noel. The Hague: Mouton, 2003.

WALTER, Henriette. *L'aventure des langues en occident; leur origine, leur hostoire, leur geographie.* Paris: Robert Laffont, 2000.